

Discurso do Conselheiro presidente Antônio Corrêa de Oliveira ao receber, no Tribunal de Justiça, falando em nome de todos os agraciados, a Medalha Joaquim Nunes Machado. (13.08.96)

Não há para mim, senão júbilo de falar, em nome de todos os agraciados, nesta solenidade de tanta beleza, que marca e faz parte de todo um ritual, para de início dizer de nossa admiração pelos que fazem este Tribunal, mais que centenário, nicho de saberes jurídicos.

Busco as palavras e estas devem ter intimidade com o pensamento para externar o que desejo, levar a Vossas Excelências, senhores desembargadores, o nosso agradecimento pelo gesto que sensibiliza, comove, entenece com a outorga da láurea, que é distinção, dignifica, e servirá d'agora por diante, como roteiro e advertência no proceder, no viver, no aferir e no palmilhar caminhos.

Láureo cujo patrono JOAQUIM NUNES MACHADO, nome tutelar deste país, pelas idéias, convicções, atitudes e fidalguia que nortearam toda a sua vida de magistrado e político, em época de conflitos, choques, tumultos, decorrentes da consolidação da independência, ameaçada pela estreiteza de uns que defendiam apenas os seus interesses e de outros que buscavam garantir o poder a qualquer título, desconhecendo as aspirações nativas.

Magistrado que iniciou sua carreira, na terra natal, que também é a minha, Goiana, impondo-se de logo pelo equilíbrio e força moral, quando o Brasil vivia os tempos da regência, de muitos distúrbios, revoluções, e, para a manutenção da ordem, até os então estudantes de Olinda deram valiosa contribuição, organizando-se em batalhões.

Político, de fidelidade intransigente ao partido, homem como se dizia à época, de uma palavra só, defendendo idéias renovadoras, em momento de transição, a batalhar por legislação adequada à realidade. Corajoso, bravo. Dele dizia o marquês do Paraná, pacificador de Pernambuco após revolução de 48: "Nunes Machado tem todas as coragens, menos a de resistir aos amigos". Não desejava a revolução,

ao pisar a terra pernambucana, ele que viera apaziguar, sentiu-se vencido pelas circunstâncias locais e passou a liderá-la.

Em "Um Estadista do Império", Nabuco com a sua perspicácia de mestre afirma: "Não se pode deixar de reconhecer no movimento praieiro a força de um turbilhão popular. Violento, indiferente a leis, a princípios, incapaz de permitir mínimo desacordo, empregando sempre em seu seio meios muito mais enérgicos do que as resistências exigiam, embriagando-se dos seus excessos de autoridade: tudo isso é exato do domínio da Praia, e esses são os característicos próprios da Democracia. Mas a verdade é que a Praia era a maioria, era quase o povo pernambucano todo; e o povo julga seu direito tão extenso como a sua vontade, sobretudo quando luta com as classes que se servem de delongas infinitas da lei para conservarem os seus privilégios e perpetuarem os seus abusos. Muito provavelmente a Praia representava a queixa de uma população adiantada de instintos contra a sua triste condição".

No comando e na batalha da Soledade, Nunes Machado foi uma de suas vítimas. Tombou ao lado de companheiros e, mais do que isso, como líder que não sabia recuar.

Pereira da Costa, em "Dicionário Biográfico", é incisivo: "O nome do desembargador Joaquim Nunes Machado é hoje um nome legendário, pertence ao domínio da História. A pena do escritor e a lira do poeta não perpetuado a sua memória, e encheria volumes aquele que se entregasse à patriótica tarefa de colecionar tudo que se há escrito sobre esse nome legendário, todos os monumentos que se têm levantado a sua memória no Brasil inteiro, desde 2 de fevereiro de 1849, dia em que morreu para o mundo, e abriu-se, de par em par, a porta do panteon da imortalidade".

Antônio Rangel Torres Bandeira, em romaria ao seu túmulo, consagrou-lhe esses versos:

“D’entre os mártires de então que todos eram
Nossos irmãos no popular conflito,
Um - embora caísse - entre os mais nobres
Era um herói invicto.

Alma romana, espírito altaneiro
Coração magnânimo elevado,
Inteligência audaz...um patriota
Era Nunes Machado”

Como vêem, o patrono da comenda fez história e tem história, da mesma maneira que este Tribunal de Justiça, honrado sempre pela presença de magistrados cujas sentenças são ensinamentos. Muitos ocupando cátedras de diversas faculdades e delas se tornando professores eméritos. Destacam a importância da Lei, essencial ao Estado de Direito. Estas salas, estes corredores vivem cheios da lembrança da presença dos que já fizeram a grande viagem, deixando o exemplo de uma ilibada conduta, de uma vida dedicada a julgar, fazendo justiça, merecendo encômios e reconhecimentos por tão salutar proceder.

Humanamente impossível recordar a todos. Permitam-me que evoque o nome de alguns e, no

evocar, a homenagem aos que tiveram e têm assento nesta augusta casa, tão pernambucana e tão nossa. Relembro os irmãos Luiz e Natanael Marinho, Edmundo e Angelo Jordão, Brito Alves, Felisberto dos Santos Pereira, Genaro Freire, Nestor Diógenes, Augusto Duque, Evandro Neto e José Neves, todos fazendo da toga um símbolo de retidão e de coragem no bom servir, no saber dizer não, mantendo alto e muito alto o prestígio do poder e para o qual o povo se volta confiante, esperançoso e certo de obter Justiça.

Compreensível que neste momento me sinta, emocionado por falar por todos e, de modo especial, por mim, que fui alunos de vários desembargadores, conterrâneo de alguns e, no conviver, senti a dignidade de um volver, de um viver rico e cheios de lições.

A Vossas Excelências, Sr. Presidente, Srs. Desembargadores, os nossos agradecimentos. Envidaremos meios, lançaremos mão de todas as nossas forças para honrar a láurea conferida, que é galardão e orgulho para todos, outorgada que foi por um Tribunal quase bicentenário e imortal pelo somatório das glórias, do prestígio dos que o compuseram, integram, e no futuro deles serão partícipes.